

Levantamento diagnóstico com a equipe profissional de uma escola pública: um estudo em Psicologia Escolar

*Edison Evaristo Vieira Junior**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar dados sobre as relações interpessoais e o imaginário de profissionais em uma escola pública de ensino fundamental localizada em uma cidade da zona metropolitana de São Paulo. Para isto foi promovido um trabalho de entrevistas com professores de quatro turmas do ensino fundamental do período matutino e também com a equipe de gestão (direção, vice-direção e coordenação pedagógica). Também foram realizadas observações em sala de aula e de outros momentos do horário letivo, como horário de entrada e saída, no que tange ao papel dos profissionais. Através do trabalho diagnóstico realizado foi possível constatar que ainda há entre profissionais de ensino a ideia de responsabilização exclusiva do aluno no chamado “fracasso escolar”, o que tira da instituição de ensino e de seus profissionais a necessidade de reflexão sobre seus métodos pedagógicos.

PALAVRAS CHAVES

Psicologia escolar – educação – fracasso escolar – aprendizagem - ensino

* - Psicólogo pela Universidade Guarulhos – Guarulhos – SP, Psicanalista pelo Núcleo Brasileiro de Pesquisas Psicanalíticas – São Paulo – SP e pós-graduado em Psicanálise pela Faculdade Einstein – edisonbr@gmail.com

ABSTRACT

This study aims to provide data on the inter-personal relationships and the imagination of professionals in a primary state school located in a city of the metropolitan area of São Paulo. For it was promoted a work interviews with key teachers from four school classes of the morning period and also with the management team (management, vice direction and pedagogical coordination). Also observations were made in the classroom and other times of school hours, such as entry and exit times, in regard to the role of professionals. Through conducted diagnostic work it was found that there are still between teaching professionals the exclusive responsibility of the student's idea in the so called "school failure", which takes the educational institution and its professionals need to reflect on their teaching methods.

KEYWORDS

School psychology - education - school failure - learning – teaching

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo proporcionar datos sobre las relaciones interpersonales y la imaginación de los profesionales en una escuela primaria del Estado ubicada en una ciudad del área metropolitana de Sao Paulo. Para ello fue ascendido a entrevistas de trabajo con profesores clave de cuatro clases de la escuela de la época de la mañana y también con el equipo de gestión (gestión, vice dirección y coordinación pedagógica). También se hicieron observaciones en el aula y otras veces de las horas de clase, tales como los tiempos de entrada y salida, en lo que se refiere a la función de los profesionales. A través del trabajo de diagnóstico realizado se encontró que todavía hay entre profesionales de la enseñanza de la exclusiva responsabilidad de la idea del estudiante en el llamado "fracaso escolar", que tiene la institución educativa y sus profesionales de la necesidad de reflexionar sobre sus métodos de enseñanza.

PALABRAS CLAVE

Psicología de la escuela - educación - el fracaso escolar - aprendizaje - enseñanza

INTRODUÇÃO

A escola em questão trata-se de uma instituição pública municipal localizada em uma cidade da zona metropolitana de São Paulo, em um bairro bem próximo da divisa com a capital paulista. Lá se promovem aulas nos períodos matutino, vespertino e noturno, sendo que este último se resume a educação de jovens e adultos. Já nos dois primeiros períodos ministra-se aulas em educação infantil e ensino fundamental. O presente trabalho foi realizado com os profissionais das quatro turmas das 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries do ensino fundamental do período matutino, incluindo professores, direção, vice-direção e coordenação pedagógica .

O levantamento também constatou que 54,28% dos 175 alunos das referidas turmas eram provenientes da cidade em que escola está localizada e os 45,72% restantes eram provenientes da capital paulista. Quanto à escola, a mesma está em bom estado de conservação, com estrutura e mobiliário bem conservados. Possui material pedagógico adequado como livros, jogos diversos, mapas, aparelho de TV, de DVD, de som, computadores e impressoras. As salas de aulas são mistas entre meninos e meninas.

A pesquisa com os profissionais consistiu em uma entrevista com oito dos doze professores das referidas turmas, com a diretora, com a vice-diretora e com a coordenadora pedagógica através de questões referente a atuação profissional, formação, carga horária, histórico profissional, opiniões sobre a escola, sobre os colegas de trabalho, sobre os alunos, sobre o próprio trabalho. Entre as questões estavam as seguintes: “O que é ser criança?” e “O que é ser adulto?”. Observações em salas de aula, aula de educação física na quadra de esportes, alimentação no refeitório e horário de saída e entrada de alunos também foram alvo da pesquisa.

Conclui-se que está presente no pensamento dos profissionais pesquisados que a responsabilidade pelo “fracasso escolar” está no aluno e não no processo de aprendizagem, levando a uma possível estagnação dos métodos de ensino utilizados. Com isso, a comunicação entre os profissionais e a troca de experiências podem ser vistas como desnecessárias.

REVISÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO

Freud (1913/1995) via a necessidade de inserir a ciência psicológica no contexto educacional, pois afirmava que com os conhecimentos obtidos nas pesquisas psicanalíticas, concluiu-se que a vida mental dos adultos está intimamente ligada a vida mental das crianças e que muitos enigmas da vida sexual dos adultos só serão conhecidos se forem levados em conta os fatores infantis. Sendo assim, inserir a Psicanálise na educação seria um meio de evitar a *neurotização* da sociedade. Mais adiante, Freud (1927/1995) discorreu novamente sobre a importância da educação na saúde das civilizações:

Gerações novas, que forem educadas com bondade, ensinadas a ter uma opinião elevada da razão, e que experimentarem os benefícios da civilização numa idade precoce, terão atitude diferente para com ela. Senti-la-ão como posse sua e estarão prontas, em seu benefício, a efetuar os sacrifícios referentes ao trabalho e a satisfação instintual que forem necessários para sua preservação. Estarão aptas a fazê-lo sem coerção e pouco diferirão de seus líderes. (FREUD, 1927/1995, CD-ROM).

Apesar de possuir uma grande responsabilidade, no que diz respeito aos seus conhecimentos, a Psicologia ainda é uma ciência pouco difundida como deveria ser e seus objetos de estudos ainda são desconhecidos por grande parte da população. Conforme explica Nascimento (1992), a Psicologia é vista pelo senso comum imbuída de uma onipotência que promove soluções mágicas aos problemas das pessoas e que não precisa, muitas vezes, nem mesmo conhecer o histórico desta pessoa, fixando-se no contexto imediato. A não satisfação de tais expectativas gera frustração e rejeição ao psicólogo, podendo este ser entendido como incompetente e desnecessário ao meio escolar. A autora continua, afirmando que tal resistência dos profissionais da educação ocorre por que os indivíduos ficam receosos de serem invadidos em suas particularidades. Esta noção errônea em relação a Psicologia formará outros cidadãos com a mesma visão distorcida, inclusive profissionais de educação, que por conseguinte poderão repassar esta mesma visão aos educandos.

Apesar de ser notória a necessidade que psicólogos escolares sejam inseridos no meio escolar, tal necessidade não encontra eco na própria sociedade, que é mais prejudicada através de um sistema educacional de má qualidade. Valle (2003) afirma que a Psicologia Escolar é pouco difundida e que somente em 1990, com a criação da Associação Brasileira de Psicologia Escolar (ABRAPEE), houve possibilidade de fortalecimento desse campo de atuação no Brasil. Confirmando o que vários autores já concluíram, a autora alega que a Psicologia possui uma tendência clínica no Brasil, onde a Psicologia Escolar é vista como uma área secundária desta ciência. (BOCK, FURTADO & TEIXEIRA, 1993) e (VALLE, 2003).

Ainda de acordo com Nascimento (1997), o papel do psicólogo escolar ainda é confundido com o papel do psicólogo clínico, tendo distorções na atuação destes profissionais dentro do ambiente escolar. Ao cargo de psicólogo escolar, na verdade, atribui-se como um agente de mudanças, onde o psicólogo buscará a mobilização da comunidade escolar frente a sua realidade, seus reais papéis, suas possibilidades, questionando as relações e comunicações interpessoais estabelecidas no meio escolar, participando da elaboração de currículos e programas educacionais, levando em consideração os fatores culturais, sociais e econômicos da comunidade. Além disso caberá a esta mesma comunidade escolar a avaliação constante do impacto do processo educacional nos aspectos emocionais, maturacionais e sociais.

Os conceitos de “criança-problema” e “problema de aprendizagem” originaram-se da abordagem psicanalítica do século XX. No Brasil, os termos só aparecem em nossa literatura a partir da década de 1930, através de psicanalistas e médicos. Na época, questionava-se que o não aprender ocorria por problemas genéticos, que ocasionavam pouca habilidade ou aptidão para tal. Já nos anos de 1940, questionou-se os conceitos de inteligência e caráter inato da aprendizagem, defendendo-se a importância do papel da família no desenvolvimento da criança. Nesse momento, desenvolvia-se um tratamento terapêutico com a “criança-problema”, com sua família e professor. Entendia-se, que o não aprender era um sintoma de problemas nas relações familiares. (SOUZA, 2004).

Nos anos de 1930 existia uma crítica à escola de má qualidade, porém, somente a partir dos anos de 1970, é que a estrutura e funcionamento da escola começam a ser questionados. Como por exemplo: seu currículo, a influência da violência simbólica, seu caráter socializador e integrador, a prática docente, entre outros. Em 1980 os parâmetros de “normalidade” começaram a ser questionados a partir de movimentos originados nos Estados Unidos da América, pois as minorias negras e latinas questionaram-se do porquê de seu baixo rendimento escolar. Estas minorias, segundo o resultado das pesquisas, eram portadores dos mais variados *déficits*: intelectuais, cognitivos, culturais e linguísticos, quando comparados com crianças de classe média e alta da sociedade norte-americana, branca e com bom emprego. Com o avanço das pesquisas em Antropologia Social é que se pensou sobre as diferenças culturais e pôde-se introduzir metodologias para sua melhor compreensão. Atualmente o fracasso na aprendizagem é tratado como multifatorial e busca-se respostas em diversas áreas, como ambiente familiar, a cultura onde o indivíduo está inserido, a classe social a que pertence, o sistema social-político-econômico do país, sua história de vida e seu histórico de vida escolar. (SOUZA, 2004).

Polity (2001) também se refere aos problemas de aprendizagem como inter-relacionados a outros fatores e cita que se pensássemos nos problemas de aprendizagem derivados somente da inteligência e do organismo, não precisaríamos recorrer à família e se as patologias ligadas ao

aprender derivassem de problemas familiares, não necessitaríamos recorrer ao indivíduo separadamente de sua família, para um diagnóstico e cura. Desde o nascimento a criança carrega uma série de identidades familiares que marcam seu desenvolvimento futuro. Outro aspecto ressaltado pela autora e que pode influenciar a questão da aprendizagem é a capacidade do professor de ensinar.

Andrade (1986) apresenta um estudo realizado em uma escola pública de ensino fundamental (antigo Primeiro Grau) que revela a dinâmica intraescolar marcada por conflitos e antagonismos, identificados em três níveis básicos: entre professores e pesquisador (o autor), entre professores e alunos e entre conhecimento e conhecimento cotidiano. O autor apresenta sugestões para a atuação do profissional escolar com força progressiva no interior desta instituição, buscando segundo ele, sua transformação. Afirma que pesquisas sobre as causas da repetência e da evasão escolar acumularam grande volume, mas que a situação pouco se alterou. A literatura parece não conseguir produzir resultados que levem a uma superação deste problema fundamental da educação no Brasil. Questões colocadas no início ou metade deste século continuam válidas até hoje, conforme revela Patto (1988), citado por Andrade (1990), sendo que o grande entrave dessas pesquisas reside, sobretudo, na incapacidade de se livrarem de pressupostos preconceituosos em relação a criança pobre, típicos das publicações do início deste século.

Rockwell (1983) insiste na necessidade do desenvolvimento de novas alternativas teórico-metodológicas para a pesquisa educacional. Propõem soluções semelhantes à de Patto (1988), ao defender que a saída para a pesquisa educacional se encontra no desenvolvimento de uma abordagem teórico-metodológica inspirada pela sociologia da vida cotidiana de Heller (1972, 1977, 1978, 1982 e 1983). Andrade (1986) cita que Rockwell (1983) realizou uma revisão crítica do que era até então consideradas as pesquisas educacionais, propondo uma alternativa de estudo teórico-metodológico no qual defende a realização de estudos etnográficos, buscando, assim, complementar as informações com dados relativos a outras ordens sociais.

A princípio foram colhidos por Andrade (1986) três níveis de conflitos, que caracterizaram a dinâmica do cotidiano escolar. A primeira, mais geral e abrangente refere-se a “organização escolar”, que inclui disputas entre o segmento administrativo (direção, vice-direção, supervisão pedagógica e orientação educacional), e os professores. O segundo, da prática docente, ocorre na interação professor-aluno. O terceiro se dá entre o conhecimento científico transmitido pela escola e o conhecimento cotidiano adquirido por alunos e professores.

As observações feitas pelo autor mostram que certas classificações não se referem a capacidade de aprender dos alunos. Classificações como a aparência, a idade, a timidez ou mesmo a desenvoltura excessiva, a maneira de falar, de dirigir-se a professora ou superiores na escola, o zelo e a limpeza serviam de parâmetro que, muitas vezes, chegavam a ocultar a presença da capacidade

de aprender dos alunos. Outro fator observado por Andrade é a de um grupo de crianças denominadas por ele de “discriminadas”, pela sua maneira de vestir, (usavam roupas velhas, sujas, e/ou remendadas), tênis rasgados, descuido com os cabelos e etc. Estas crianças eram então deixadas sem atenção pelas professoras, pois, eram consideradas sem capacitação para aprender.

Para Weiss (2006) os alunos de escolas públicas brasileiras provenientes das camadas de mais baixa renda da população são frequentemente incluídos em “classes escolares especiais”, considerados pertencentes ao grupo de possíveis “deficientes mentais” com limites e problemas graves de aprendizagem.

Com relação ao trabalho docente realizado com a direção, equipe de técnica (supervisão e orientação), observou-se que as professoras utilizavam com muita frequência o discurso de que o fracasso dos alunos se dava pela falta de colaboração e abandono dos pais, pela desnutrição, pela pobreza de seu ambiente familiar, ou ainda inadequação dos programas e dos livros ao nível das capacidades destes alunos.

Andrade (1986) também fala da desvalorização do que ele denomina de “saber cotidiano”, quando relata sua experiência com uma professora que foi procurá-lo com a queixa de que sua sala possuía um distúrbio psicológico pois, seus alunos tinham facilidade para realizar cálculos mentalmente e com muita rapidez, porém, não conseguia acompanhar mecanismos utilizados por esta turma na resolução dos mesmos. Outro fato observado pelo autor foi que os alunos repetentes, ao terem de rever o conteúdo do ano anterior novamente, se desmotivavam. Isto, de acordo com o autor, *cansava* dos alunos, que muitas vezes *paravam* no nível do ano anterior. A ideia de uma avaliação do nível de dificuldade de cada aluno era descartada pela direção como ineficiente e muito trabalhosa.

Com relação a escola estudada por Andrade, - bem como a escola pesquisada em questão no presente trabalho, - constatou-se um posicionamento ideológico comumente chamado de “privação cultural”, segundo o qual as crianças provenientes das classes baixas não tem êxito na escola por que seus familiares não lhes proporcionaram educação apropriada ou valores corretos. Esta ideologia educacional leva a estigmatização e rotulação destes alunos, conforme demonstrou Schneider (1974) citado por Andrade (1990).

Num outro parecer para o fracasso escolar, Weiss (2006) acredita que o que falta para estes alunos são oportunidades de crescimento cultural, de rápida construção cognitiva e desenvolvimento da linguagem que lhes permita maior imersão no meio letrado, o que por sua vez, facilitarão desenvolvimento de leitura e da escrita.

O autor conclui com sua pesquisa que a repetência e a evasão escolar na instituição por ele estudada se devia a uma questão de fracasso institucional em relação a um segmento social específico e que se manifestava num padrão de interação peculiar. Ao mesmo tempo a presença de

tais contradições no interior da instituição escolar revela possibilidades reais para sua transformação.

Segundo Weiss (2006) a origem do fracasso na produção escolar estaria na má condução do processo de ensino, havendo “saudavelmente” uma “formação reativa” à escola.

Para Bleger:

“Qualquer escola precisa ser organizada sempre em função da melhor possibilidade de ensino e ser permanentemente questionada para que seus próprios conflitos, não resolvidos, não apareçam nas salas de aula sob formas de distorções. Nessas situações fica o aluno (o aprendiz) como depositário desses conflitos e, conseqüentemente, apresentando perturbações em seu processo de aprendizagem.” (BLEGER, 1960, p. 124).

Para Weiss (2006) outra perspectiva de estudo do fracasso escolar está ligada ao aluno enquanto *aprendente*, isto é, especificamente as suas condições internas de aprendizagem, focando-se, assim, a questão na intrasubjetividade. Em sua experiência clínica, com pacientes de diferentes classes sociais, a autora constatou apenas que a minoria dos casos encaminhados para diagnóstico psicopedagógico tinha sua causalidade básica em problemática do paciente, oriunda de sua história pessoal e familiar. No entanto, para autora, na visão da escola, esta seria a causa da maioria dos casos de fracasso escolar.

Ainda de acordo com Weiss (2006), o não aprender pode expressar uma dificuldade na relação da criança com a sua família. Na prática, pode se exprimir por uma rejeição ao conhecimento escolar através de omissões e distorções na leitura e na escrita, não conseguir efetuar cálculos, etc.

A autora discorre como ideia básica de aprendizagem como sendo um processo de construção que se dá na interação permanente do sujeito com o meio que o cerca. Meio esse expresso inicialmente pela família, depois pelo acréscimo da escola, ambos permeados pela sociedade em que estão.

Vigotsky (1989) frisa que a aprendizagem da criança começa muito antes da aprendizagem escolar e que esta nunca parte do zero. Toda aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas entrevistas que se seguiram, os professores demonstraram de forma unânime que estão muito satisfeitos com a equipe de direção, que recebem apoio e compreensão necessários para a boa realização do trabalho. Porém, a direção pouco sabia o que se passava nas salas de aula e desconheciam como as aulas eram ministradas. Parece que esta boa relação é mais por conta de uma

cultura institucional de boa convivência do que uma excelência em profissionalismo.

O individualismo entre os professores ficou patente, pois nenhum dos entrevistados conhecia o trabalho do colega e praticamente não havia troca de experiências.

Toda equipe também reclamara da falta de tempo para alfabetização dos alunos devido a um currículo escolar com muitas atividades obrigatórias, mas os alunos gastavam um tempo excessivo durante o horário de saída que se iniciava bem antes da abertura dos portões com os alunos no pátio, enfileirados e saindo aos poucos. Uma organização mais adequada poderia aumentar o tempo dos alunos na sala de aula, dirigindo-se ao pátio apenas quando fossem sair da escola.

A equipe dirigente e os professores também falaram sobre o fracasso escolar e de comportamentos inadequados de alguns alunos, mas sempre responsabilizaram a pouca participação dos pais, a situação de pobreza das famílias e situações individuais do aluno isentando totalmente a escola e os métodos de ensino, o que pode levar os profissionais a não repensarem seus métodos pedagógicos.

“O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.” (FREIRE, 1996, p. 76).

Possivelmente uma maior interação da equipe de direção com os professores poderia promover uma maior troca de experiências e uma busca constante de reflexão sobre os métodos pedagógicos utilizados. Além de reverem esta posição de *culpabilizar* o aluno pelo “fracasso escolar”.

O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isso possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades. (GADOTTI, 1999).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. S., O cotidiano de uma escola pública de 1º grau: um estudo etnográfico. *Cadernos de Pesquisa*, (73), p. 26-37, 1990.

BLEGER, J., *Temas de Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, ML. T., *Psicologias: Uma introdução ao Estudo de Psicologia*, 5ª ed., São Paulo: Saraiva, 1993.

FREIRE, P., *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. (1913). O interesse científico da Psicanálise. In: FREUD, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imagino, 1995, v. 13, CD-ROM.

FREUD, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: FREUD, S. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imagino, 1995, v. 21, CD-ROM.

GADOTTI, M., *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione, 1999.

HELLER, A., *A filosofia radical*. São Paulo: Brasiliense, 1983

_____ *Para mudar a vida*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____ *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

_____ *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Península, 1977.

_____ *Teoria de las necesidades em Marx*. Barcelona, Península, 1978.

NASCIMENTO, A. B. et al., O papel do psicólogo escolar: uma visão deste pelos profissionais da educação das escolas estaduais de Pimenta Bueno – RO. *Revista Ad Literam*, (1) 1: 110-118;

ago/dez. 1992.

PATTO, M. H. S., O fracasso escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características de um discurso. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Cortez, p. 72-77, 1988.

POLITY, E., *Dificuldade de aprendizagem e família: construindo novas narrativas*. São Paulo: Vetor, 2001.

ROCKWELL, E., De huellas, bandas y veredas: uma história cotidiana em la escuela. México, Departamento de Investigaciones Educativas/Centro de Investigacio y Estudios Avanzados del I.P.N., 1982. *Separata de Cuadernos de Investigaciones Educativas*. México, n. 3, p. 1.71, ago, 1982.

SOUZA, M P. R., Problemas de aprendizagem ou problemas de escolarização?. Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. *Boletim Eletrônico*. nº 1, jun. 2004. Disponível em: <http://www.abrapee.psc.br/artigo5.htm>.

VALLE, L. E. L. R., Psicologia Escolar: um duplo desafio. *Psicología Ciencia e Profissão*, 23 (1): 22-29; 2003.

VIGOTSKY, L. S., (1930) *Problemas de método*. In A formação social da mente. Tradução: José Cipola Neto, Luis S. M. Barreto, Solange. C Afeche. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEISS, M. L. L., *Psicopedagogia clínica*. Rio de Janeiro: D P & A, 2006.